

“O Z da questão”: O memorialismo e a crítica musical em Zuza Homem de Mello (1933-)

Assíria Toledo do Amaral

Universidade Estadual de São Paulo (UNESP) – assiria_amaral@outlook.com

Resumo: Esta comunicação tem o intuito de relacionar o memorialismo e a música brasileira. Ao entender a canção popular como um produto cultural, é admissível afirmar que ela forma um acervo importante para se conhecer melhor ou revelar zonas obscuras das histórias do cotidiano (MORAES, 2000, p. 204). No Brasil, o interesse por tal objeto de estudos no meio acadêmico se deu por volta de 1970, mas antes já havia uma gama de trabalhos realizados pelos memorialistas. O memorialismo, além de fazer parte de um espaço autobiográfico que contém diários íntimos, biografias autorizadas ou não, testemunhos, entrevistas, anedotas, videopolíticas, dentre outros (ARFUCH, 2010, p. 60), pode ser entendido aqui como uma “escrita de si” autorreflexiva sobre as experiências vividas, onde enquadra-se o dever de memória e mais especificamente sua via de mão dupla para o esquecimento, tal referência permite pensar sobre temáticas como dever e dívida; lembrança e esquecimento; culpabilidade e perdão, na leitura de um texto memorialístico. Nesse sentido, pretende-se discutir a escrita de José Eduardo Homem de Mello (1933-), mais conhecido como Zuza Homem de Mello. O autor escreveu nove livros sobre a canção popular e há previsão de lançamento do décimo, sobre João Gilberto, para o fim de 2020. Nas décadas finais do século XX, com o objetivo de ser músico, frequentou a School of Jazz nos Estados Unidos, mesmo morando no exterior, Mello passou a atuar como crítico musical na imprensa brasileira, suas contribuições iniciais foram para a coluna Folha do Jazz. Ao retornar ao país deixou a carreira de contrabaixista para focar na profissão de jornalista. Ainda nesse período, desdobrou-se o processo de modernização econômica do governo JK (1956-1961), ao mesmo passo em que sucedeu a ditadura e posteriormente a abertura democrática. Já no meio artístico-musical, a canção passou a ser veículo para debates sócio-culturais, o intento era afirmar uma tradição que se consolidou como memória, produto de mercado e objeto de reflexão. O jornalista atravessou essas diversas gerações, esteve atento a todas as (des)construções de cenários, e elaborou uma extensa produção de artigos, entrevistas, relatos, anedotas e ensaios para diferentes periódicos, textos que, geralmente, apresentam personalidades e experiências que marcaram sua vida, como em E se Elis fosse viva? anedota publicada na Revista Folha de São Paulo em 2003, nesse texto a cantora estaria em uma conversa no telefone, percebe-se uma luta contra o esquecimento almejada pelo autor. Além da morte, há diversos outros fatores que podem ser debatidos através de seus escritos, logo, o privilégio dessa análise é concedido as referências internas dos textos, ou seja, a construção dos cenários, personagens e costumes estabelecidos no contexto tratado por Mello e a notoriedade ou o esquecimento na história da musicalidade nacional. Tal corpo documental encontra-se reunido na obra de cunho memorialístico Música com Z: artigos, reportagens e entrevistas (1957-2014) (2014). O presente trabalho visa, portanto, expor uma abordagem dessa obra enquanto parte de uma memória da canção popular e busca refletir, além de questões como resistência cultural, linha evolutiva e invenção de tradição, sobre os aspectos voltados à vida e obra, trajetória de vida, fato e ficção.

Palavras-chave: Crítica musical. Memorialismo. Música popular brasileira. Zuza Homem de Mello.

Assíria Toledo do Amaral é aluna de graduação, integrante do MEMENTO: Grupo de Pesquisa de Memórias, Trajetórias e Biografias. O presente trabalho é fruto do desenvolvimento da pesquisa, Música com Z: A escrita memorialística de Zuza Homem de Mello (1933-), financiada pelo PIBIC (Programa Institucional de Bolsas De Iniciação Científica do CNPQ), sob a orientação do Prof. Dr. Wilton C.L. da Silva.